

LORENZON; Prof. MARIA Cristina<sup>1</sup>, ANDRADE; Profa. Adriana Oliveira<sup>2</sup>, SARTORI; Prof. Richieri Antônio Sartori<sup>3</sup>

## RESUMO

A Mata Atlântica é uma riqueza natural de valor inestimável, sendo uma das mais expressivas de nosso planeta. Neste bioma habitam fabulosa fauna e flora, das quais dependemos para viver e apreciar. Realizado no berço deste bioma, este trabalho traz uma análise parcial que mostra a suscetibilidade de colmeias manejadas de abelhas nativas a partir do seu forrageamento. A equipe do projeto REFLORA, coordenado pelo laboratório de Ecologia Florestal-UNIRIO (LEF), monitorou duas áreas replantadas do programa Mutirão da Prefeitura do Rio de Janeiro. Nestas áreas, que estão em processo de restauração ambiental, procedeu-se à identificação das espécies arbóreas plantadas e nativas da Mata Atlântica, além das exóticas. Para se conhecer as espécies florais forrageadas pelas abelhas optou-se pela identificação polínica, a partir da amostragem dos recursos florais primários, mel e pólen ao longo de 2013-2014. Para as coletas dos alimentos utilizaram-se 36 colônias manejadas de *Tetragonisca angustula*, *Nonnatrigona testaceicornis* e *Melipona quadrifasciata*, distribuídas em dois meliponários. O levantamento do campo replantado revelou a presença de 165 espécies florais arbóreas com idade maior que 10 anos. Das 90 amostras de mel e pólen coletadas identificaram-se 76 tipos polínicos, destes, 22 tipos florais são próprios das amostras de mel e, 16 das amostras de pólen; o restante (38 tipos) está em sobreposição. Os tipos polínicos das amostras de mel pertencem a 25 famílias botânicas e, das de pólen são de 26 famílias; há tipos pertencentes a 20 famílias de plantas que só ocorrem nas amostras do mel e há os de 15 famílias que só ocorrem nas amostras de pólen. Dos tipos polínicos mais frequentes destaca-se em Fabaceae nas amostras de mel e pólen; nas amostras de mel destacam-se: Myrtaceae, Anacardiaceae, Malpighiaceae; nas amostras de pólen: Piperaceae e Loranthaceae. De acordo com os dados de forrageamento das abelhas por meio dos tipos polínicos presentes na dieta das abelhas, a taxa de visitação foi baixa, ou seja, as abelhas procuraram forragear fora do campo floral monitorado. Este resultado evidencia que mais de 70% das espécies florais da área replantada ou, não floresceram ou, floresceram em baixa densidade, ou, as que floresceram eram de baixa atratividade para estas espécies de abelhas, o que as conduziu a procurar outras fontes de alimento na área circunvizinha, não inclusa na área monitorada. Certamente, o forrageio para outras áreas está dentro do raio de voo das espécies de abelhas avaliadas, não necessariamente para as três espécies, mas todas as espécies de abelhas sofreram maior esforço laboral. Houve, inclusive, perda de colmeias devido ao forte período de escassez. As respostas deste trabalho auxiliam na seleção de espécies florais pioneiras, que sejam atrativas às abelhas nativas, e enquanto polinizadores nativos possam alavancar a retomada da restauração ecológica da floresta Atlântica.

**PALAVRAS-CHAVE:** abelha, floresta, nicho trófico, campo floral

<sup>1</sup> Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro- UFRRJ, affonsoneta@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro- UFRRJ, affonsoneta@gmail.com

<sup>3</sup> Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO), affonsoneta@gmail.com